

# O contínuo pulsar de Clarice

Neiva Pitta Kadota

*"A liberdade da arte consiste em ensinar-nos o que não sabemos"*  
Carlos Fuentes

## Resumo:

**Uma breve análise do processo** criativo de Clarice Lispector, dando ênfase a alguns aspectos metafísicos presentes em uma de suas obras.

## Palavras-chave

Clarice Lispector, processo criativo, aspectos metafísicos.

## Abstract:

**A brief analysis of Clarice Lispector's** creative process considering some metaphysic aspects in one of her works.

## Keywords

Clarice Lispector, creative process, metaphysic aspects.

O ano era 1977. O mês, dezembro. Clarice Lispector fechava definitivamente as gavetas da memória e da imaginação para os que acompanhavam atentos a sua produção literária. "Minha história é viver", disse ela, segundo sua secretária e amiga, Olga Borelli, "e principalmente escrever", pode-se complementar. Inúmeras homenagens à escritora Clarice Lispector marcaram os 30 anos de sua morte, após 33 anos de trabalho de contínuo e singular processo criativo.

Não dá para esquecer Clarice. E o Museu de Língua Portuguesa, na cidade de São Paulo, soube lembrar sua ausência com uma instalação simbólica retratando os mistérios de nossa sibila no trabalho com a palavra. Gavetas, gavetas, gavetas... Existe espaço mais hermético e mais simbólico do que este? E existe, entre nós, escritora mais enigmática do que Clarice? Segundo Otto Lara Resende, em seu prefácio "Claire e Clarice", para a obra de Claire Varin, *Línguas de Fogo*, afirma que Clarice é "um nervo exposto ao mundo" (2002, pág.13). E é certamente este nervo que capta as sensações díspares e dispersas e as condensa nas páginas de sua obra.

Assim como Clarice, estamos cientes também de que nas relações humanas os conflitos emergem não só de forma explícita, mas, e mais comumente, de forma implícita. Os olhos, porém, vêem de maneira diferenciada essas manifestações quando pouco sutis elas se revelam. Não os olhos de Clarice. Em Clarice Lispector, percebe-se uma busca contínua da compreensão desses elementos que incitam as zonas de atrito da alma e nos colocam em estado de ansiedade e angústia diante do outro. Procurava ela o "é da coisa", a causa das insatisfações e incompletudes que tanto nos inquietam. E assim prosseguia em seu trajeto de pessoa em trânsito, ou em transe. "Estou procurando... Estou procurando". Embora voltasse, segundo ela, de "mãos vazias". Afirmação inverídica, pois sua busca sempre resultou em descobertas inesperadas e engendramentos singulares para aprofundar a perplexidade do leitor que digere seu texto com espanto e prazer.

Sua rotina de trabalho é bem conhecida: datilografava com a máquina no colo, como se esta fosse uma extensão de seu corpo. E é Olga Borelli quem como testemunha diuturna, em especial nos últimos tempos da autora, tão bem a descreve nesse cenário peculiar:

*Esticava as pernas numa banquetta e dirigia o olhar para fora da janela, sem se deter no pequeno jardim de folhagens. Ligava então o pequeno rádio, sempre à mão, na Rádio MEC ou na Rádio Relógio, acendia um cigarro, colocava os óculos e anotava palavras ou frases. Às vezes era interrompida pelo telefone, atendia e falava longamente. Voltava à posição inicial ou ficava à espera. De repente, operava-se uma transformação: colocava a máquina no*

*colo e com agilidade datilografava páginas e páginas até que, num redemoinho em que dava a impressão de estar se arremessando a si própria em cada palavra, tirava o papel da máquina com violência, colocando-o sobre a pilha a seu lado. Levantava-se, tropeçava na banquetta – era distraída e meio desajeitada – e dirigia-se à copa para pedir um cafezinho. (BORELLI, pág. 76)*

Entre um cigarro e outro, entre um cafezinho e outro, as páginas de seus textos iam registrando suas reflexões sobre a palavra e a condição humana, e as relações entre uma e outra, em especial no universo do escritor, este ser para quem a palavra é não só um elemento de subsistência, às vezes, mas a razão de existir e de expor com liberdade a extensão de seu olhar sobre o mundo.

*Eu me refugiei em escrever. Acho que consegui devido a uma vocação bastante forte e uma falta de medo ao ser considerada ‘diferente’ no ambiente em que vivia. (Citação de Clarice em BORELLI, pág. 73)*

Ser ‘diferente’ em literatura é percorrer um caminho ainda sem trilhas, sem rastros, e mais instigante que nos afaste dos modelos petrificados, do facilmente previsível e da mesmice enfadonha. Ao romper com as formas prontas, com a representação simbólica preestabelecida, seja no espaço frasal, seja na classificação de gêneros - “gênero não me pega mais”, afirmou Clarice -, ela reestrutura o contar, o fazer literatura e, assim, nos surpreende e seduz com seus escritos que oscilam entre o afirmar e o sugerir, deixando ao leitor a tarefa de acompanhá-la em sua busca insólita e introspectiva, e acima de tudo enriquecedora.

*Quero pintar uma tela branca. Como se faz? É a coisa mais difícil do mundo. A nudez. O número zero. Como atingi-*

*los? Só chegando, suponho, ao núcleo último da pessoa. (citação de Clarice em BORELLI, pág. 14)*

Essa sempre foi a sua busca: o momento de tocar a essência das coisas, do roçar do Eu como absoluto. Instantes inapreensíveis quase, mas de grande intensidade e que despertavam as reações estéticas da escritora em suas experimentações lingüísticas e literárias, que assim nos premiou com suas obras incomuns e personagens desconcertantes como Macabéa e G.H., ou elementos simbólicos como o ovo ou a barata, que desestruturam a nossa percepção do mundo real e nos conduzem para um labirinto metafísico e para um espaço desumanizado.

Com Macabéa, acompanhamos o seu trânsito por uma cidade não moldada para acolher as suas ausências: de perfil citadino, de urbanidade tecnológica, e de habilidade



lexical. Macabéa é a nordestina de “corpo cariado”, ou seja, uma pobre moça carente e deslocada, dotada de uma falta insolucionável, que só se completaria com uma morte estelar sob as rodas de um Mercedes amarelo; única forma de brilhar aos olhos dos transeuntes no asfalto de uma cidade que era precisamente o seu oposto porque, diferente dela, esta é maravilhosa e plena de encantos.

Diferente também da moça pobre Macabéa, a personagem carioca G.H., de classe média alta, nos arrasta para um universo místico e metafísico. Do ápice de sua posição superior: a patroa, que elegantemente habitava uma cobertura, e solitária alongava o seu café da manhã, começa errônea e mentalmente a esculpir o “legado” com que Janair, a doméstica que a deixara no dia anterior, agora certamente a premiava: o seu quarto imundo. Os fatos contrários às suas expectativas e a repercussão desses fatos em sua mente, somados à aparição brusca e inesperada da barata - recurso metafórico-lingüístico -, a levam a uma imersão filosófica sem volta e sem limites, atingindo a transcendência do humano e a fusão com o impuro e o inumano.

Em *Línguas de fogo*, Claire Varin, assim dá início à sucinta análise que esboça sobre *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector:

*Ecuridão. Sente-se a energia forte demais na origem do curto-circuito. Relâmpagos espocam do texto negro, seu primeiro romance escrito inteiramente na primeira pessoa. Este eu se anima do começo ao fim de A paixão segundo G. H. que se abre e se fecha com travessões. Quem é esse eu? G. H., escultora vivendo no Rio de Janeiro, representante do gênero humano, em pleno crescimento de alma. G. H. penetra no quarto da empregada, desertado há pouco. Encontra lá uma barata que vai esmagar contra a porta do armário. O incidente engendra uma descida vertiginosa ao abismo do inconsciente, concomitante a uma ascensão à luz do espírito.* (VARIN, 2002, pág. 132)

Mas quem melhor soube ler em seus interstícios essa obra de Clarice Lispector foi Benedito Nunes, cujo ensaio já em 1966, em *O mundo de Clarice Lispector*, nos revelou sua sensibilidade diante da obra de uma escritora que a todos chocara com uma narrativa surpreendente pela temática, pela estrutura e pela ousadia literária no campo do existencialismo.

*A obra de Clarice Lispector, sem filiação doutrinária, sem dependência às correntes que confluem no terreno filosófico comum, convencionalmente chamado de existencialista, tem seu fulcro no primado da existência, individual e universal, primado esse que garante a tais correntes tão díspares, a unidade conceptual que efetivamente possuem.* (NUNES, 1966, pág.43)

Assim, por meio de sensações e reflexões pouco usuais, Clarice nos revela sempre a face simbólica e enigmática de sua escritura, e nos desperta para indagações para as quais parece não haver respostas, ou uma única resposta, mas sim uma miríade de possibilidades a que se pode chegar depois de longa e gradual inquietude, sem, contudo, visualizar com nitidez nenhum panorama, apenas seus fugidios contornos, o que já sinaliza para nós, seus leitores, uma clariceana “alegria difícil”.

Nestas três décadas sem Clarice, o silêncio, contudo, não calou a sua voz porque ela ressoa nas páginas de suas obras, ela continua a sussurrar em nossos ouvidos as suas indagações e com ela nós nos embrenhamos na mesma busca, ainda que muitas vezes, resgatando seu gesto, retornemos de “mãos vazias”.

## Referências Bibliográficas

- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector - Esboço para um futuro retrato*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1979.
- *A hora da estrela*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1978.
- NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector*, Manaus, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- VARIN, Claire. *Línguas de fogo*, São Paulo, Editora Limiar, 2002.

Neiva Pitta Kadota

Professora de Língua Portuguesa na FACOM-FAAP. Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Autora de *A tessitura dissimulada – O social em Clarice Lispector* (Estação Liberdade), entre outras obras.